

# **Minas com Bahia: estudo preliminar sobre as relações entre a comarca do Rio das Velhas e a capitania da Bahia na segunda metade do século XVIII.**

Raphael Freitas Santos  
Mestre em História (UFMG)  
Prof. da Faculdade ASA de Brumadinho

## **Introdução**

Vem sendo demonstrado que, devido à complexidade da formação econômica e social das Minas ao longo do século XVIII, algumas regiões mineiras foram capazes de superar a crise na mineração, reorientando as atividades produtivas em torno da agricultura mercantil e de subsistência no século XIX.<sup>1</sup> A soma de vários estudos sobre essa temática conseguiu romper com a noção de “decadência” na análise da economia e da sociedade mineira após a diminuição da extração mineral a partir da segunda metade do século XVIII.<sup>2</sup>

A constatação de que cerca de 46% dos 75.778 africanos desembarcados no Rio de Janeiro entre 1822 e 1833 foram destinados ao mercado mineiro<sup>3</sup> consiste em importante argumento contra a noção de uma decadência generalizada. Isso indica que a economia mineira não só foi capaz de sustentar uma utilização maciça de mão-de-obra escrava nas atividades agropastoris destinadas ao auto-consumo e aos mercados locais, como foi capaz de ampliar seu contingente cativo no decorrer do século XIX, por meio de novas importações.<sup>4</sup>

Essas constatações apontam para duas questões importantes: a) que a importação e a posse de cativos podem ser importantes indicadores do grau de dinamismo da economia colonial; b) que não apenas as atividades voltadas para o mercado externo

---

<sup>1</sup> Nesse sentido destacam-se os trabalhos de: SLENES, Robert. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. In: *Cadernos IFCH-UNICAMP*, n° 17, 1985; LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988; LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho. *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana – 1750-1850*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1994; CARRARA, Ângelo Alves. *As minas e os currais; produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674-1807*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

<sup>2</sup> FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 10ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970, p. 91.

<sup>3</sup> FRAGOSO, João Luís. *Homens de Grossa Aventura*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 177.

<sup>4</sup> De acordo com os dados apresentados por Roberto Martins, a população escrava em Minas Gerais subiu de 170 mil, em 1819, para 380 mil, em 1878. Ver: MARTINS, Roberto Borges. *A Economia Escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1980, p. 1.

eram lucrativas – e que o mercado interno era importante o suficiente para pelo menos ensejar a aquisição, junto ao mercado internacional, de mão-de-obra escrava africana.

É preciso ressaltar ainda, que dada a complexidade de realidades econômico-sociais, que variaram no tempo e no espaço, que a compreensão das Minas setecentistas só se dará a partir da proliferação de estudos regionais com preocupações comparativas. Embora tais diferenças não se encerrassem em divisões artificiais como comarcas e termos, estudos locais podem oferecer um panorama capaz de revelar algumas nuances, apontando para as especificidades de cada região mineira.

### **A comarca do Rio das Velhas**

A comarca do Rio das Velhas se localizava no centro da Capitania de Minas Gerais. Era rica em veios auríferos (a região entre Sabará e Caeté) e em terras férteis, tanto para agricultura quanto para a pecuária. Possuía, ainda, importantes entrepostos comerciais, como Santa Luzia, Sabará, Roça Grande e Pitangui. Foi uma região marcada, portanto, pela diversificação produtiva. No entanto, a atividade mais importante, sem sombra de dúvidas, foi a produção mineral e, apesar do impacto da crise da mineração não ter sido imediatamente sentido, como na Comarca de Ouro Preto,<sup>5</sup> acreditamos que causaria perdas irreparáveis a médio e longo prazos.

Já a comarca do Rio das Mortes, por exemplo, abrangia uma extensa área, com relevo diversificado, que abrigava desde regiões montanhosas e ricas em águas, até terrenos planos com extensos campos, propícios para a criação de gado. As áreas mais dinâmicas dessa região eram as vilas de São João e São José Del Rey, Barbacena, Baependi e Queluz. Contava, portanto, com uma significativa produção mineral, mas se destacou, desde os primórdios, pela produção agrícola pastoril. Tal característica teria sido responsável por uma realidade diversa das demais comarcas ao final do século XVIII. Enquanto em outras regiões o declínio da extração mineral teria abalado significativamente a economia regional, no Rio das Mortes, devido à sua vocação

---

<sup>5</sup> MÔNICA, Daniele. *A produção social da desigualdade: hierarquização social e estratégias de classe na formação da sociedade mineira (Mariana, 1701-1750)*. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2003, citado por: SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. Crédito e circulação monetária na colônia: o caso fluminense, 1650-1750. *Anais do I encontro da Pós-graduação em História Econômica*. Caxambu: ABPHE, 2003, p. 14.

agropastoril e sua proximidade com a fronteira do Rio de Janeiro, se consolidou como uma região escravista, produtora de alimentos e voltada para o mercado interno.<sup>6</sup>

Do contraste entre as comarcas do Rio das Velhas e do Rio das Mortes fica patente a complexidade da Capitania de Minas Gerais. Existiram diferenças enormes entre regiões, parecendo-nos mais apropriado falar em economias mineiras que em uma “economia mineira”.<sup>7</sup> Tendo em vista as especificidades regionais, o objetivo do presente trabalho é, a partir das tendências apontadas sobre as estruturas de posse de escravos na Comarca do Rio das Velhas, explicar os re-arranjos na economia da região após a crise da mineração.

Para tanto, utilizamos de dados retirados de inventários *post-mortem*.<sup>8</sup> Foram examinados, através de uma base de dados, 750 inventários, produzidos entre 1713 e 1793, dos quais foi possível extrair informações sobre 8462 escravos descritos entre os bens dos inventariados.<sup>9</sup> Para melhor acompanhar as mudanças processadas na economia mineira setecentista e nas estruturas de posse de escravos, os dados foram analisados em períodos de aproximadamente 20 anos, marcados por momentos distintos da economia regional. São eles: 1º) 1713-1733; 2º) 1734-1753; 3º) 1754-1773; 4º) 1774-1793.

A conjuntura econômica de cada um destes períodos pôde ser caracterizada a partir dos próprios dados, especialmente com base na média de escravos por inventariado, importante indicador da dinamicidade de uma economia (Tabela 1).

TABELA 1: Posse média de escravos por inventariado  
ao longo do século XVIII.

<sup>6</sup> Ver: GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste: elite mercantil e economia de subsistência em São João del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.

<sup>7</sup> Esse paralelo já foi realizado em um texto anterior ver: SANTOS, Raphael F. Um estudo sobre os padrões de posses de escravos em Minas Gerais (1713-1773). IN: *Anais do II Encontro de Pós-Graduação em História Econômica (ABPHE)*. Niterói, 2004.

<sup>8</sup> Apesar de todas as precauções, nada desautoriza a utilização dos inventários como fontes de pesquisa, mesmo quando o objeto em foco é a estrutura de posse de escravos. Ao trabalhar com esses dados, estaremos tentando vislumbrar tendências, sem jamais ter a pretensão de, através deles, reconstituir a realidade estudada. Sobre a utilização de inventários ver: MAGALHÃES, Beatriz R. Inventários e Seqüestros: Fontes para a História Social. In: *Revista do Departamento de História UFMG*. Belo Horizonte: v. 9, 1989, p. 31-45; GUTMAN, Herbert G. *The black family in slavery and freedom, 1750-1925*. New York: Pantheon Books [Random House], 1976; LIBBY, Douglas Cole. Minas na Mira dos Brazilianistas: reflexões sobre os trabalhos de Higgins e Bergad. In: BOTELHO, Tarcísio R. (Org.) *História Quantitativa e Serial: um balanço*. Belo Horizonte: ANPUH-MG, 2001, p. 295.

<sup>9</sup> As informações quantitativas foram potencializadas por meio da utilização de uma base de dados informatizada, gentilmente cedida pela Prof<sup>a</sup>. Beatriz R. Magalhães, coordenadora do Projeto “Banco de Dados de Inventários e Testamentos da Comarca do Rio das Velhas – século XVIII”.

<i>Períodos</i>	<i>Escravos por inventariado</i>
Entre 1713-1733	10,8
Entre 1734-1753	14,7
Entre 1754-1773	12,5
Entre 1774-1793	7,6

FONTE: Banco de Dados de Inventários e Testamentos da Comarca do Rio das Velhas – século XVIII

O primeiro período focado, referente ao intervalo entre 1713 e 1733, corresponde à montagem da estrutura produtiva da sociedade mineira - daí a incidência de posses escravistas menores. Embora o ouro já tivesse sido ali encontrado desde o final do século XVII, com os achados de Fernão Dias Paes na jornada de Sabarabuçu (1674-1681),<sup>10</sup> a ocupação efetiva ocorreu após a elevação à vila do antigo arraial de Nossa Senhora de Conceição do Sabará, em 1711, e com a criação da Comarca, em 1713.

O segundo momento, representado aqui pelos inventários feitos entre 1734 e 1753, representaria o auge da produção mineral, quando a posse média de escravos atingiu seu ápice – 14,7 cativos por inventariado. Embora não haja consenso na historiografia quanto ao momento áureo da economia mineira<sup>11</sup>, alguns autores, como Virgílio Noya Pinto, acreditam que as maiores remessas de ouro foram enviadas a Portugal entre 1735 a 1760.<sup>12</sup>

A partir da década de 1750, além da diminuição na arrecadação com a exploração do ouro, fazia-se sentir, de acordo com os discursos dos memorialistas, um quadro que sugeria a desagregação da região. Tal discurso foi corroborado, muitas vezes acriticamente, por uma parte da historiografia, que denominou todo o período correspondente à segunda metade do século XVIII, como uma época de “decadência” da economia mineira.

Embora concordemos com a historiografia revisionista, crítica dessa noção de decadência, percebemos que no terceiro período (1754-1773) há uma queda na média de escravos por inventariado, embora a redução mais significativa fosse ocorrer no período seguinte. Tal queda estaria indicando uma perda de dinamismo econômico,

<sup>10</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. A época colonial. Vol. 2. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 261.

<sup>11</sup> SILVEIRA, Marco Antônio. *O Universo do Indistinto: Estado e Sociedade nas Minas Setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 108.

<sup>12</sup> PINTO, Virgílio Noya. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português: Uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

provavelmente relacionada à desaceleração da atividade mineratória, já a partir da década de 1760.

Seja como for, a se julgar por nossos dados, a conjuntura de desaquecimento da economia da Comarca do Rio das Velhas se consolidaria no período seguinte (1774-1793), quando a média de escravos por inventariado sofre uma acentuada queda, passando para 7,6.

### **A inserção da região no comércio Atlântico de escravos**

No início do século XVIII, a maioria dos escravos embarcados na América era proveniente da África Ocidental (Baía de Benin e Costa do Ouro). No entanto, a África Ocidental, em especial a Costa do Ouro, foi, ao longo dos setecentos, paulatinamente perdendo importância, tanto em termos relativos quanto absolutos, e a África Centro-Ocidental foi ganhando terreno. No final do século a maioria dos escravos já saía desta última região, que, em termos absolutos foi responsável por um volume de exportação de homens incomparavelmente mais elevado que qualquer outra durante o total do período.

TABELA 2: Partidas de escravos das principais regiões exportadoras da África, durante o século XVIII

Período	Baía de Benin	%	Costa do Ouro	%	África Centro-Ocidental	%	Todas as regiões
1701-1725	181,7	19,0	408,3	42,6	257,2	26,8	958,6
1726-1750	186,3	14,2	306,5	23,4	552,8	42,2	1311,3
1751-1775	263,9	13,9	250,5	13,1	714,9	37,5	1905,2
1776-1800	240,7	12,5	264,6	13,8	816,2	42,5	1921,1

FONTE: Adaptado de ELTIS, David e RICHARDSON, David. Os mercados de escravos africanos recém-chegados às Américas: padrões de preços, 1763-1865. IN: *Topoi 6 Revista de História*, Rio de Janeiro, março 2003, p. 10.

O aumento percentual na proporção de escravos oriundos da costa Centro-ocidental pode ser explicado também pelo incremento do mercado internacional de escravos durante esse período. A partir da década de 1740 o porto do Rio de Janeiro se torna o maior entreposto comercial de escravos da América portuguesa – conforme

aponta a tabela 3. Nesse período intensificou-se, principalmente, o comércio com o porto de Luanda e os demais portos de Angola.<sup>13</sup> Depois dos conflitos que assolaram a região durante o século XVII, a região de Congo e Angola passaram a participar mais ativamente do mercado atlântico de escravos.<sup>14</sup>

O aumento da entrada de escravos via Região Sudeste (principalmente através do porto do Rio de Janeiro) é concomitante a uma diminuição da entrada de cativos pela Bahia, que aos poucos vai perdendo a sua posição de maior porto receptor de escravos, conforme aponta a tabela 3.

TABELA 3-Chegada de escravos nos principais portos da América portuguesa, durante o século XVIII

Período	Bahia		Sudeste do Brasil		Todas as regiões
	N	%	N	%	N
1701-1725	199,6	24,2	122	14,8	825,8
1726-1750	104,6	9,2	213,9	18,8	1136,9
1751-1775	94,4	5,7	210,4	12,7	1653,9
1776-1800	112,5	6,5	247,2	14,2	1735,4

FONTE: ELTIS, David e RICHARDSON, David. Os mercados de escravos africanos recém-chegados às Américas: padrões de preços, 1763-1865. IN: *Topoi 6 Revista de História*, Rio de Janeiro, março 2003, p. 16.

Ainda se está longe de um conhecimento aprofundado sobre o tráfico de escravos para a região das Minas. Todavia, sabe-se que a maior parte desses escravos, inicialmente, foi adquirida junto ao mercado africano. Entraram nesse momento, majoritariamente, escravos oriundos do que chamamos genericamente de Costa Ocidental, principalmente da Costa da Mina.<sup>15</sup> Os escravos mina chegaram a Minas Gerais principalmente pelos caminhos que ligavam a Bahia à Capitania, através do rio das Velhas. De fato, nos primeiros anos de ocupação do território mineiro, essa era a principal rota comercial com o mercado externo, o que explicaria a predominância de escravos da África Ocidental.

<sup>13</sup> FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.: 64-69.

<sup>14</sup> SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

<sup>15</sup> A origem dos escravos, declarada nos documentos, diz respeito apenas ao local de desembarque dos cativos, e não ao seu grupo étnico de origem. Ao categorizar a origem dos escravos em costa ocidental e centro-ocidental, sabemos que muitas especificidades de origem étnica estão sendo ignoradas.

O porto do Rio de Janeiro foi consolidando como centro econômico da América portuguesa, em grande medida, devido à sua posição estratégica em relação à região mineradora. O crescimento econômico da região, somado ao aumento do comércio com o Rio de Janeiro e as conjunturas internacionais descritas acima, permitiram a importação cada vez maior de escravos africanos, principalmente aqueles adquiridos na costa Centro-ocidental da África.

Mas, evidentemente, o final do século XVIII foi um período de empobrecimento da comarca do Rio das Velhas. Isso se explicaria pela ligação estreita da economia regional com a atividade mineradora. Ao que parece, após a rarefação do ouro, houve uma intensa migração, possivelmente para dentro dos limites da comarca, o que teria gerado mudanças econômicas importantes para a região.<sup>16</sup>

Essa nova realidade econômica vivida em toda a Capitania, em algum momento após a redução na extração mineral, trouxe mudanças, também, nas condições de aquisição de escravos. Percebe-se a diminuição nas importações de escravos africanos e o aumento dos escravos coloniais.<sup>17</sup> No entanto, um dado sobre esse período é bastante peculiar à comarca do Rio das Velhas. A região entre os anos de 1773 e 1793, de acordo com a Tabela 4, apresentou uma mudança peculiar na origem dos escravos importados da África.

TABELA 4: Origem dos escravos africanos inventariados durante o século XVIII

Origem/ Período	1713- 1733	1734- 1753	1754- 1773	1774- 1793	MÉDIA
Centro- Ocidental	40%	49%	49%	35%	45%
Ocidental	60%	49%	48%	63%	53%
Outras regiões	0%	2%	3%	2%	2%

FONTE: Banco de Dados de Inventários e Testamentos da Comarca do Rio das Velhas – século XVIII

Os dados para o período entre 1713-1733 condizem com as noções correntes na historiografia sobre o tráfico para as Minas. Nesse momento observamos uma predominância de cativos oriundos da Costa Ocidental africana (60%), como seria de se

<sup>16</sup> Será necessário um estudo mais aprofundado com relação a tais mudanças, para que se possa efetivamente caracteriza-las. Por enquanto, ela pode ser simplesmente intuída.

<sup>17</sup> SANTOS, Raphael F. Um estudo sobre os padrões de posses de escravos em Minas Gerais op. Cit.

esperar. Uma análise menos agregada dos dados mostrou-nos, inclusive, que parte considerável desses escravos era proveniente da Costa da Mina.

Esse quadro sofre algumas mudanças significativas no período seguinte. Entre 1734-1753, a porcentagem de escravos da costa Centro-ocidental se iguala aos da Costa Ocidental, sendo que cada uma dessas regiões responde por 49% dos cativos africanos inventariados. Essa equivalência se manteve praticamente inalterada até 1773. Acreditamos que tal equilíbrio esteja relacionado a um aumento, cada vez maior, do comércio com o porto carioca.

Os números para os anos 1774-1793 são intrigantes. Nesse momento, houve uma diminuição brusca na proporção de escravos oriundos da África Centro-ocidental, que passaram a representar apenas 35% dos cativos inventariados, contra 63% da África Ocidental. De acordo com a Tabela 2, 42,5% dos escravos que saíam da África entre 1776-1800 vinha dos portos da região Centro-ocidental, enquanto que menos de 30% partia da região Ocidental.

Vale aqui ressaltar que nem todos os escravos provenientes da costa Ocidental da África aportaram no nordeste da América portuguesa, assim como o porto carioca não foi o único a receber escravos da costa Centro-Ocidental da África. Mas, conforme aponta a tabela 5, a Bahia recebeu, ao longo do século XVIII, majoritariamente escravos da costa Ocidental africana

**TABELA 5: Saídas de navios negreiros da Bahia para a África, de acordo à região africana de destino, por grandes conjunturas (1678-1775).**

Períodos	África Ocidental	%	África Central	%	Ilhas do Atlântico	%	África Oriental	%	Total
1678- 1717	612	90,2	20	2,9	47	6,9	-	-	679
1718- 1737	297	89,5	-	-	35	10,5	-	-	332
1738- 1775	407	77,7	92	17,5	21	4,0	4	0,8	524
Total	1320 a	86,0	112	7,3	105 b	6,8	4	0,3	1535

FONTE: RIBEIRO, Alexandre Vieira. *O tráfico atlântico de escravos e a praça mercantil de Salvador (c. 1678 – c. 1830)*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGHIS, 2005, p. 54.

Dessa forma, as posses escravistas da comarca do Rio das Velhas apresentavam, no final do século XVIII, uma conformação diversa das posses do sudeste do Brasil (ver Tabela 4). Acreditamos que esse dado é muito valioso e que nele reside a chave para a compreensão da conjuntura econômica da Comarca naquele momento.

Entre as hipóteses vislumbradas, podemos dizer que essa mudança na estrutura de posse de escravos africanos estava muito mais ligada à oferta do que à demanda de cativos. Antes de tudo, é importante lembrar que o comércio de cativos no mercado interno não era, na maioria das vezes, um ramo especializado e não havia uma distinção clara entre tropeiros e comboieiros. Segundo Cláudia Chaves<sup>18</sup>, de todos os registros de entrada de mercadorias na capitania ao longo do século XVIII, só nos registros do Caminho Novo aparecem com frequência carregamentos compostos exclusivamente por cativos. Mas, mesmo no Caminho Novo, os mesmos negociantes que transportavam, em algumas viagens, somente escravos, em outras levavam cargas diversas.<sup>19</sup>

Observando os investimentos dos comerciantes locais e as dívidas contraídas por eles junto a comerciantes cariocas, percebe-se que boa parte dos negócios entre essas duas regiões estava assentada em produtos de luxo.<sup>20</sup> Com o escassez do ouro na região do Rio das Velhas, as relações comerciais entre as principais praças da comarca (como Sabará, Roça Grande, Santa Luzia e Pitangui) e o Rio de Janeiro diminuem consideravelmente. Com isso, comprava-se menos de tudo da praça do Rio de Janeiro, inclusive escravos.

O comércio com a Bahia, no entanto, apesar de provavelmente ter diminuído durante esse período, permaneceu com certo fôlego. Dessa região, além dos escravos da costa Ocidental, talvez, chegassem produtos para o abastecimento da Comarca, como gado e fumo, por exemplo. Além disso, da Bahia para as Minas o contrabando de escravos era mais fácil, devido a dificuldade de fiscalizar os caminhos dessa região.

Se dos escravos novos que chegavam à Bahia entre 1728 e 1748, 40% tenham sido redirecionados para as Minas;<sup>21</sup> se entre 1760 e 1770, cerca de 60% dos escravos saídos da Bahia iam para as Minas, e entre os anos

---

<sup>18</sup> CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos Negociantes: mercadores das Minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 52.

<sup>19</sup> CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos Negociantes...* op. cit., p. 53.

<sup>20</sup> SANTOS, Raphael Freitas. *Devo que pagarei: sociedade, mercado e práticas creditícias na comarca do Rio das Velhas - 1713-1773*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de pós-graduação em História/UFMG, 2005.

<sup>21</sup> Ver: GOULART, Maurício. *Escravidão africana no Brasil: das origens à extinção do tráfico*. São Paulo: AlfaÔmega, 1975, p. 170.

de 1780 a 1820 tenha sido incorporados aos plantéis mineiros anualmente aproximadamente 2000 escravos, é difícil de acreditar que entre 1811 e 1820, a Bahia tenha contribuído com apenas 14 escravos dos 20000 que chegaram as Gerais, conforme constatou Alexandre Vieira Ribeiro.<sup>22</sup> Isso nos leva a supor que o contrabando de escravos entre essas duas regiões era uma prática comum, ao longo do século XVIII e início do século XIX.

Acreditamos que a Comarca do Rio das Velhas enfrentou efetivamente um processo de crise, em algum momento a partir da segunda metade do século XVIII, com a diminuição da atividade mineratória. Um desdobramento de tal conjuntura econômica foi a alteração nos padrões de posses de escravos (diminuição da média de escravos por inventariante). Contudo, o que mais nos interessa aqui é que a crise engendrou uma diminuição das ligações comerciais com a praça do Rio de Janeiro, percebida, principalmente, a partir da mudança na composição da população escrava africana (havendo, no período 1774-1793 um aumento proporcional no número de escravos da África Ocidental em detrimento dos da África Centro-Ocidental).

Por outro lado, as relações comerciais com a Bahia (como vimos anteriormente grande responsável pela importação de escravos da África Ocidental), ao que parece, foram menos afetadas pela crise. Isso, talvez, devido à distância, que não era muito longa, à facilidade do contrabando e à diminuição do comércio em quase todos os gêneros com a praça carioca. No entanto, apenas uma pesquisa mais aprofundada poderá revelar o que tais números realmente podem nos dizer.

---

<sup>22</sup> RIBEIRO, Alexandre Vieira. *O tráfico atlântico de escravos e a praça mercantil de Salvador (c. 1678 – c. 1830)*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGHIS, 2005, p. 110.